

JUN 1988

8861 NNC 8

Sarney - Viagem

JORNAL DE BRASÍLIA

Além do discurso

De maneira implícita, não é do tema do desarmamento — tecla em que bateu o discurso do presidente José Sarney na sessão especialmente convocada para isso na ONU — que se extrairá material de análise para o diagnóstico de como anda a saúde do Brasil perante as nações com as quais mantém contato e, é lógico, procuram saber se ficou bom e em condições de fazer negócios de interesses recíprocos. Quanto ao desarmamento, propriamente, Estados Unidos e União Soviética já concordam em tirar o dedo dos respectivos botões e os acordos começam a subir da terra às estrelas, que se livram da guerra. Por sua vez, o Brasil o interpreta sob a ótica de escala, pois também opera no ramo, a exemplo de qualquer povo prevenido.

Por isso é que se examina a bagagem de registros das conversações com outros chefes de Governo e Estado, bem como com quem influi no problema de nossa dívida externa. Fora da tribuna, a agenda é muito maior e abrangente.

Em menos de três dias, portanto, o presidente Sarney pôde

perceber a dissipação de nuvens sombrias, formadas pela demora de clareza no panorama interno. A definição de seu mandato tem, aí, uma resposta de como as mofinas ambições e ojerizas políticas prejudicaram menos a pessoa que o exerce do que o País que representa. A propósito, sem o protocolo de visita oficial aos Estados Unidos e sim a um organismo internacional lá instalado, houve espaço e adequação para entendimentos pessoais com quem se achava nas mesmas condições. E, nisso, o Brasil produziu considerável soma de negócios, desde a abordagem da dívida externa ao enfoque de intercâmbios continentais e intercontinentais.

A etapa vencida sob desperdício de tempo e reordenação política interna tem, nessa rápida agenda presidencial, um metro para os prejuízos causados pelos enguiços de uma Constituinte inconstante, anexa a um Congresso algo alternativo. A medida serve a quem eleva os postulados públicos acima dos empenhos eleitoreiros para redobrar esforços a fim de

atrair, ao comportamento comum, os recalcitrantes ideológicos e fisiológicos e, com eles, os relapsos ao dever legislativo.

Não é, insista-se, a figura individual do presidente Sarney o objeto de ataque ou defesa. Em sua investidura, merece o prestígio como agente nacional. E esta ida à ONU adquire expressão de polarizações rentáveis, porque os interessados se inteiraram do caminho desobstruído para os tratos com uma Nação emergente, opulenta em potencialidades abertas a investidores e dinâmica segundo exigem os mercados modernos.

Em si, o discurso quase nada acrescenta ao desarmamento bélico e ao destino das verbas. Porém, seu pretexto desarmou espírito em relação a tantos erros e mediocridades políticas marginalizando o Brasil. No contexto dos próximos compromissos do Planalto com o exterior, o recomeço da ONU se mostra animador à extensão diplomática, sob chancela do Presidente, mudando de fora para dentro a imagem que o povo deseja ver e sentir.